



HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Luís Reznik
ORGANIZAÇÃO

 FGV EDITORA

 FAPERJ
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação.....	7
<i>Luís Reznik</i>	
Imigração: aportes historiográficos	17
<i>Lená Medeiros de Menezes</i>	
Nova Friburgo: a invenção da Suíça brasileira	39
<i>Marieta de Moraes Ferreira</i>	
História da imigração (1830-1880)	65
<i>Rui Aniceto Nascimento Fernandes e Julianna Carolina Oliveira Costa</i>	
A Grande Imigração no Brasil (1880-1930): números e conjunturas... ..	91
<i>Paulo Cesar Gonçalves</i>	
A década de 1920 e aspectos da imigração urbana para o Brasil	133
<i>Paula Ribeiro</i>	
Política imigratória no primeiro governo Vargas (1930-1945)	159
<i>Fábio Koifman</i>	
Entre deslocados e espontâneos: a imigração para o Brasil no pós-Segunda Guerra	207
<i>Luís Reznik e Guilherme dos Santos Cavotti Marques</i>	
Sobre os autores.....	251

Apresentação

Luís Reznik

O século XXI vive a maior crise humanitária, relacionada com deslocamentos migratórios internacionais, desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A chamada crise dos refugiados é matéria obrigatória, e explosiva, em todos os países europeus, penetrando com força nas agendas eleitorais dos últimos anos. Ainda que essa onda tenha chegado de modo mais suave no lado de cá do Atlântico, o tema da imigração ganhou renovado impulso pelas novas correntes migratórias que o Brasil vem recebendo, tanto dos países da América Latina como dos países africanos e asiáticos. Nos últimos tempos, a crise na Venezuela e os milhões de evadidos deste país geraram reações diversas, da violência xenófoba ao acolhimento, em meio propício a usos políticos e eleitorais. A pandemia no ano de 2020 trouxe novos problemas, interdições e, na maior parte dos casos, restrições aos direitos das populações vulneráveis e também dos imigrantes recentes e indocumentados.

Esse contexto estimulou o desenvolvimento de inúmeras pesquisas. Em grande parte, são estudos interdisciplinares que abordam as temáticas dos deslocamentos migratórios internacionais contemporâneos. Geógrafos, sociólogos, antropólogos, demógrafos e outros profissionais das ciências humanas e sociais têm se debruçado sobre esse vasto e complexo território. Sob enfoques os mais variados, em especial abundam as abordagens a partir da memória dos indivíduos e grupos, em uma pegada autobiográfica e testemunhal.

Da mesma forma, como usual, os temas do presente incitam a curiosidade sobre o passado, lançando mesmo novas luzes e outras abordagens sobre as experiências pretéritas. As análises, do ponto de vista dos temas, métodos e abordagens, sobre presente e passado se retroalimentam.

De parte dos historiadores, uma obra publicada no crepúsculo do século XX, *Fazer a América* (Fausto, 1999), se tornou referência fundamental. A coletânea foi fruto de seminário, realizado em São Paulo, no Memorial da América Latina, em 1993. Reuniu um grupo de pesquisadores, em sua maior parte historiadores, para discutir a imigração em massa para a América Latina durante a Grande Imigração. A obra se tornou um marco importante, pois sacramentou, na historiografia brasileira sobre imigração, a guinada pós-estruturalista, relativizando a camisa de força de interpretações unívocas ancoradas na matriz *push-pull*, e, ao se afastar dessa vertente, configurava uma tendência já em curso naquele momento.

À exceção do relevante texto de Herbert Klein, com uma clara abordagem macroestrutural, por meio de considerações teóricas sobre “fatores de repulsão” e “fatores de atração”, dos grandes contextos temporais, os demais capítulos dedicaram-se a aspectos das migrações étnico-nacionais, por vezes acompanhando trajetórias familiares em meio às cadeias migratórias. O organizador, Boris Fausto, afirma que o livro foi organizado “tomando como vertente básica as etnias imigrantes” (Fausto, 1999:10), em vários países latino-americanos, com predominância para os estudos na Argentina e no Brasil. Não por outra razão, todos os capítulos remetem a uma mesma temporalidade. Entre fins do século XIX e início do século XX, Argentina e Brasil receberam enorme afluxo de imigração estrangeira, especialmente, mas não exclusivamente, europeia. Ainda que as temáticas não fossem inéditas, certamente se tornaram predominantes nos estudos posteriores: os processos de construção de identidades étnico/comunitárias, o associativismo étnico, a participação política e sindical dos imigrantes, as inserções variadas em trabalho rural e urbano, a discriminação racial e as questões de gênero, entre uma multiplicidade de temas, abordagens e perspectivas teóricas e metodológicas.

Na historiografia didática dos bancos escolares, no Brasil, o tema da imigração se mantém confinado a esse momento histórico, em correlação com o estudo sobre a “substituição da mão de obra escrava

pelo trabalho livre”. Na última versão da Base Nacional Comum Curricular, consta como objeto de conhecimento, em história, somente no oitavo ano do Ensino Fundamental: “políticas migratórias no Brasil Imperial” (BNCC, 2018:422). Compreendemos que as narrativas historiográficas escolares e os livros didáticos da educação básica são coerentes com as sínteses, manuais e coleções que foram publicados no âmbito universitário.

Na primeira grande coletânea sobre a história do Brasil, a paradigmática *História geral da civilização brasileira*, publicada entre as décadas de 1960 e 1980, o tema se encontra, com exclusividade, em um dos volumes relativos ao Brasil Monárquico, “Livro Segundo”, intitulado “Da escravidão ao trabalho livre”, nos textos clássicos de Emília Viotti da Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Teresa Schorer Petrone (Costa, 1967; Holanda, 1967; Petrone, 1967). Recentemente, mais de 40 anos após a publicação da HGCB, em coleção similar publicada pela editora Civilização Brasileira, mais uma vez o tema da imigração permanece restrito ao século XIX (Klug, 2009).

Pois bem, nos últimos 20 anos, os estudos sobre imigração se expandiram sobremaneira, sendo objeto de vários campos disciplinares. Da mesma forma, alargaram-se bastante os marcos temporais, para antes e depois da Grande Imigração. O *campo* dos estudos sobre imigração, em particular a história da imigração, se ampliou e se consolidou, com a constituição de pesquisadores, bibliografia e periódicos especializados. Em grande parte, as pesquisas se desenvolvem a partir da perspectiva da obra *Fazer a América*, a partir da investigação dos diferentes grupos étnico-nacionais: memórias, trajetórias individuais e coletivas, associativismo, entre tantas vertentes já referidas. Correlatamente, as publicações se organizam com foco na diversidade dos grupos nacionais, em coerência com as pesquisas desenvolvidas.

O livro, que ora oferecemos, é tributário desse movimento e, ao mesmo tempo, reflete a carência de publicações de corte cronológico nessa vasta bibliografia. Em diálogo com as pesquisas contemporâ-

neas, este livro se organiza em outra vertente. Pretende-se discutir os contextos históricos em sua integridade, correlacionando-os com as políticas imigratórias do Estado brasileiro e com os movimentos demográficos e deslocamentos migratórios internacionais. Para dar conta dessa proposta, ele se organiza em sete capítulos, conforme apresentados a seguir.

O artigo de Lená Medeiros de Menezes, *Imigração: aportes historiográficos*, propõe um balanço da historiografia da imigração no Brasil. A autora corrobora o que já foi afirmado nessa introdução: os estudos, por ela entendidos como pioneiros, publicados nas décadas de 1960 a 1980, tratavam fundamentalmente da experiência oitocentista, avançando até a Primeira Guerra Mundial. Os estudos posteriores se fizeram no interior das universidades, especialmente após a criação dos cursos de pós-graduação em história e sua disseminação por todo o país. São trabalhos com foco em temas os mais variados, regra geral, relacionados com algum grupo étnico-nacional, em alguma região do Brasil: portugueses e galegos no Rio de Janeiro e no Norte, espanhóis e italianos em São Paulo, alemães e italianos no Sul e no Espírito Santo, judeus em toda parte, entre outros. O mais significativo no artigo está no inventário dos vários estudos/trabalhos nas várias partes do Brasil. Forçoso reconhecer que a maioria dos trabalhos citados continua a se debruçar nos deslocamentos da Grande Imigração, com pouca atenção às migrações ocorridas desde o pós-Segunda Guerra.

Marieta de Moraes Ferreira aborda a imigração pioneira, nos primórdios do século XIX, em *Nova Friburgo: a invenção da Suíça brasileira*. O seu ponto de partida são as comemorações do bicentenário da imigração de 1818-1819, e os sentidos e usos políticos mobilizados nos dias atuais. Ao longo do capítulo, a autora argumenta na contramão da tese dominante sobre o fracasso da colonização suíça, defendendo o papel que a colônia de Nova Friburgo exerceu como polo de conexão das recém-inauguradas áreas cafeeiras em Cantagalo com a Corte e chamando atenção para o fato de que muitas famílias suíças alcançaram sucesso e conquistaram posições importantes nos quadros da